



O FEMININO E A TEMPORALIDADE

Edna Clara Januário de Araújo¹, Luisa Siqueira Faria²

¹Universidade Federal de Minas Gerais, edna.cja@gmail.com

²Universidade Federal de Minas Gerais, lusiqueirafaria@gmail.com

Resumo: A revista *Claudia* trata-se de uma revista feminina, isto é, que valoriza e viabiliza a voz da mulher em relação a diferentes assuntos. A revista nasceu no ano de 1961 e permanece até hoje, sendo que, com o tempo, sua linguagem e editorial foram sofrendo alterações. Por ter como público-alvo as mulheres, ela faz parte da construção do imaginário social do que é feminino. Partindo da teoria semiótica, este trabalho pretende discutir sobre as ideologias veiculadas por duas capas de épocas diferentes dessa revista tão difundida, na tentativa de dar voz às mulheres que são subjugadas pelos ideais de uma sociedade ancorada no patriarcalismo.

Palavras-chave: discurso, representação, revista feminina, semiótica.

1. Introdução

A revista *Claudia*, que não é uma revista qualquer, mas sim uma feminina, isto é, que valoriza e viabiliza a voz da mulher em relação aos diferentes assuntos da vida, nasceu no ano de 1961. Essa revista permanece até os dias de hoje, mas podemos observar que, com o tempo, sua linguagem e editorial foram sofrendo alterações. É possível pensarmos que o surgimento dessa revista no ano de 61 não é por acaso, dado o “boom” do feminismo na década de 60.

Neste sentido, o surgimento da revista *Claudia* no Brasil é uma manifestação, no campo editorial, de um direito reivindicado pelas mulheres dentro da pauta feminista daquele tempo: o direito à ocupação dos espaços públicos, seja no trabalho, nos jornais ou revistas. A importância deste trabalho justifica-se pelo fato de que essa revista, por ter como público-alvo as mulheres, faz parte da construção do imaginário social do que é feminino, sendo que em alguns pontos ela corrobora com ideais sexistas e em outros desconstrói tais modelos. Sendo assim, cabe a nós discutir sobre as ideologias veiculadas por essa revista tão difundida em nossa sociedade,



na tentativa de dar voz às mulheres que são subjugadas pelos ideais de uma sociedade ancorada do patriarcalismo.

Partindo do pressuposto de que a revista sofreu alterações ao longo do tempo, este trabalho tem como objetivo:

1. Analisar as alterações feitas pela revista e identificar a que ordem pertencem, tal como a representação dos aspectos temporais.
2. Reconhecer os modelos de mulheres representadas na revista, identificando as ideologias presentes nas capas da revista e o que permanece semelhante entre nosso tempo e a década de 60
3. Analisar as relações que se estabelecem entre os percursos temático-figurativos dispostos ao longo das capas da revista.

2. Dos fatos

Este trabalho possui uma natureza descritiva e interpretativa. Para analisar os objetos de estudo serão utilizados os métodos da Semiótica Discursiva, que busca explicitar as condições da apreensão e da produção de sentido do texto. Tendo em vista que a teoria semiótica se aplica a qualquer tipo de texto, não se restringindo apenas ao texto verbal, ela é adequada para a análise dos objetos de pesquisa deste projeto: capas de revistas. A partir da análise dos objetos em questão, será possível apreender os temas e figuras que respondem pela ideologia presente em cada capa, assim como os procedimentos relacionados à noção de temporalidade.

A noção de ideologia, aqui, se aplica ao “ideal ou tipo de mulher” que a revista acredita como sendo o modelo que deve ser apresentado na capa. É preciso lembrar que a revista, sendo um veículo de comunicação, tanto subjetiva as pessoas, já que escolhe determinados discursos e não outros para colocar em circulação, quanto vende uma imagem de mulher ou de feminilidade que está associada aos padrões de beleza disseminados (GUIMARÃES; HENRIQUETA, 2014).

Passemos à análise das capas:



Figura 1 – Edição 14 (11/1962)



Figura 2 – Edição 679 (04/2018)

A Figura 1 refere-se à capa da edição 14 da revista, que circulou no mês de novembro de 1962. Nela, há o percurso temático da *feminilidade*, que encadeia figuras como *moda na praia* e *castigue com carinho*, assuntos que, postos dessa forma, encontram-se somente em revistas femininas, tendo em vista que temas como moda e a forma de cuidar dos filhos são associados às mulheres. Há também nesse percurso a figura da *borboleta* e a representação de uma *mulher maquiada, vestida de rosa*, com expressão de *leveza*.

Por outro lado, encontramos também um percurso temático do *feminismo*, que articula figuras como *pílulas “mágicas”*. Esse percurso temático-figurativo indica que a revista traz uma discussão sobre um método contraceptivo, demonstrando que o controle da natalidade deve ser decidido pela mulher, tema que até então não era discutido abertamente por ser condenado principalmente por motivos religiosos. Ainda hoje discute-se muito (com maior abertura) sobre o uso de pílulas anticoncepcionais com diferentes focos, tais como: incentivo àquelas que não



desejam engravidar, contraindicação devido à sua carga hormonal, ou ainda pelos mesmos motivos religiosos.

A Figura 2 refere-se à capa da edição 679 da revista, que circulou no mês de abril de 2018. Nessa edição, a capa da revista é ocupada por uma mulher de verdade, e não um desenho idealizado do perfil feminino. Há, nessa capa, o percurso temático da *resistência feminina*, que encadeia figuras como *#eutenhodireito*, *mulheres de força*, *luta cotidiana* [das líderes da comunidade da Maré], etc.

Percebemos, portanto, que os dois modelos de mulheres são notadamente diferentes. Se na edição 14 vê-se um desenho de mulher branca, loira, de beleza tipicamente europeia retratada na capa, na edição 679 temos a atriz brasileira Taís Araújo ocupando-a.

Além de brasileira, Taís Araújo é negra, e ao contrário do modo como a primeira é representada (descontraída e sorridente), a figura da atriz está com um semblante sério, de braços cruzados e com o olhar bem direcionado (quase como que encarando os leitores). É evidente, portanto, que a revista se modificou com o tempo, isto é, que os próprios modelos de mulher foram sendo alterados pelos editores da revista. Essa transformação não aconteceu alheia às mudanças da sociedade. Na medida em que o feminismo negro foi tomando corpo no movimento feminista, de alguma forma os meios de comunicação (neste caso a revista Claudia) incorporaram algumas pautas importantes para as mulheres, tais como o empoderamento da beleza feminina negra, dos *black-powers*, etc.

3. Conclusão

É importante consideramos que se na edição 14, de 1962, os assuntos abordados na capa são a pílula anticoncepcional e a moda na praia, sendo o primeiro tema culturalmente e politicamente mais interessante às mulheres e o segundo mais banal



e frívolo, na edição 679, de 2018, todos os temas na capa envolvem a questão racial (a luta cotidiana das líderes da comunidade da Maré, a entrevista com Mônica Benício, viúva de Marielle Franco, e a própria fala da Taís Araújo). Se pensarmos que a maioria das mulheres que vivem em comunidades no Rio de Janeiro são negras, e que Marielle Franco foi uma ativista e vereadora negra, fica mais clarividente que a questão racial e feminina é o tema central desta edição. É significativo, ainda, observarmos que Mônica Benício foi referida como *viúva*, pois embora a morte de Marielle tenha sido muito noticiada, o fato de ela ter sido uma mulher lésbica foi muitas vezes silenciado, já que há uma marginalização ainda maior para as mulheres homossexuais.

Houve, portanto, uma mudança no modo de subjetivar discursos pela revista. Se na edição 14 o discurso é impessoal e genérico, na edição 679 o discurso pertence às mulheres negras e marginalizadas. Há uma relação estreita entre linguagem e ideologia, tendo em vista que o discurso é sempre ideológico. Para Barros, a ideologia deve ser tomada como uma *visão de mundo*, sendo que dessa forma ela permite “relativizar a ‘verdade’, ao mostrar que há vários saberes ligados às diferentes classes, e reconhecer contradições em cada forma de ver o mundo, especialmente na visão dominante, criticando-a e a ela resistindo” (2002, p. 148). Podemos notar que os temas selecionados para serem expostos e discutidos pela revista *Claudia* caminharam com as discussões que se fizeram relevantes para as mulheres de cada tempo, trazendo em cena questões políticas e sociais que merecem estar presentes em uma revista que se destina às mulheres.



Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa. *Teoria do Discurso: Fundamentos Semióticos*. 3ª edição. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002.

FIORIN, J. L.. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Ática, 1989.

LARA, G. M. P.; *Semiótica discursiva: questões teóricas e metodológicas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

Matte, A C F, Lara, G M P. Um panorama da Semiótica Greimasiana. In: Revista Alfa, vol. 53, n.o 2, 2009. Acesso em 15/2/2018. URL <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2119>>.

Revista Claudia. Acesso em 22/2/2018. URL <<https://claudia.abril.com.br/>>.

RIBEIRO, Rúbia G; KRUSE, Maria Henriqueta L. O corpo da mulher em revista: o imperativo da beleza. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n1/pt_0104-0707-tce-23-01-00101.pdf. Acesso em: 23/05.